# DECLARAÇÃO DE VOTO PARA EFEITOS DE PARECER "COM A DEVIDA MOTIVAÇÃO"

De **ZÉLIA SÁ VIANA CAMURÇA**, professor de Ensino Superior, membro da Comissão Julgadora do Prêmio "Gustavo Barroso" (Antropologia Cultural, inclusive Folclore. Estudos Lingüísticos) da Universidade Federal do Ceará, ano de 1967 à COORDENAÇÃO da dita Comissão.

Concorre ao Prêmio "Gustavo Barroso" (Antropologia Cultural, inclusive Folclore. Estudos Lingüísticos) o seguinte trabalho:

MAGALHÃES, Jósa — **Medicina Folclórica.** Fortaleza. Imprensa Universitária do Ceará, 1966. Pp. 246.

O autor, Dr. Jósa Magalhães, é médico, professor catedrático fundador da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará, sócio efetivo e perpétuo do Instituto do Ceará (de História, Geografia e Antropologia) desde 1948, sócio fundador do Instituto do Nordeste, membro da Comissão Cearense de Folclore, CNF, IBECC, UNESCO, e de outras instituições. O seu acervo bibliográfico apresenta-se com a tônica dos estudos da região Nordeste brasileira e sobretudo da Paraíba onde clinicou muitos anos e pôde colher dados para os seus trabalhos, acrescidos posteriormente daqueles obtidos no Ceará. A cultura regional nos seus aspectos material e não-material vem sendo o objeto dos estudos do Dr. Jósa Magalhães — sobretudo daqueles temas que se impunham à sua vivência de médico e clínico.

Entre os vários trabalhos da autoria do Dr. Jósa Magalhães convém citar **Previsões Folclóricas das Sêcas e dos Invernos no Nordeste Brasileiro**, publicado igualmente pela Imprensa Universitária do Ceará, em 1963, e os trabalhos apresentados e aprovados no V Congresso Brasileiro de Folclore, Fortaleza, 1963: "Substâncias Animais na Terapêutica Popular" e "Amuletos Mágicos das Crianças Proletárias de Fortaleza", o primeiro tendo por relator o Dr. **Théo Brandão** e o segundo, o Dr. **Mário Ipiranga Monteiro.**

O livro **Medicina Folclórica** teve o seu lançamento em 1966 sob os auspícios do Centro Médico Cearense, na ocasião apresentado pelo Dr. **João Batista Saraiva Leão.** Posteriormente, mereceu críticas da Imprensa local, convindo citar a de **Eduardo Campos** através do periódico **Unitário,** a de **Maria da Conceição Sousa** através do **Correio do Ceará** e a de **F. S. Nascimento** através de **O Povo.** Seguiu-se ao seu lançamento a outorga do Prêmio "Cidade de Fortaleza de

1965, Sessão de Folclore", prêmio êste instituido pela Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de Fortaleza. Participantes da comissão julgadora e a emitirem pareceres favoráveis foram os srs. Drs. **Nertan Macedo, Florival Seraine** e **Francisco Alves de Andrade e Castro.**

Citando alguns daqueles críticos, e com êles em parte concordando, o trabalho **Medicina Folclórica** procede "recenseando e analisando várias centenas dessas chamadas meizinhas que ainda hoje... são utilizadas... pelo povo" e, para o mesmo crítico, "o de mais valia neste estudo .... é a constante e esclarecedora opinião de médico com longo tirocínio que se pode desfrutar entre uma e outra receita popular anctada". Reconhecendo embora que "livro de quem se diz tão boas palavras, há de merecê-las certamente" acredita que "não seríamos absolutamente criteriosos em nossa análise se não apontássemos, a nosso ver, um lamentável esquecimento do autor. Deixou de catalogar a bibliografia que em obra dessa natureza é imprescindível, permitindo-se apenas citar as obras consultadas no corpo do livro e, assim mesmo, de forma incompleta". O crítico, entretanto, acredita que "não será êste pequeno reparo que possa diminuir o valor de **Medicina Folclórica.** (Campos, **Medicina Folclórica,** 24 de abril, 1966).

Para **F. S. Nascimento**, o prof. Jósa Magalhães "... tem se destacado como um pesquisador incansável das superstições e crendices da nossa gente...", e de posse de "uma vasta bibliografia e de um acervo valiosíssimo de observações feitas no interior nordestino, como médico e como pesquisador dos nossos fenômenos socioculturais, êle conseguiu realizar uma obra de apreciável importância". Mais adiante o crítico anota, como que alertando ao autor: "Dentro (de um) duplo esquema vemos... confundirem-se as teorias astronômicas de sentido puramente etnológico com as práticas sàbiamente administradas pelos verdadeiros precursores da medicina... (e na) ... introdução do seu livro, o prof. Jósa Magalhães põe em evidência êsse paradoxo". (Nascimento. "Da Sabedoria Popular", 1.º de abril, 1966).

Para **Nertan Macedo,** o livro "é rico de informação e curiosidade", com "introdução... erudita e singela", a revelar "a boa linguagem do autor". Já para **Florival Seraine,** "o trabalho... além de revelar erudição, conhecimento apreciável da bibliografia especializada, denota qualidades que o valorizam como investigação folclórica". Chama porém atenção para o fato de "A atitude mental "pré-científica", que sobremodo interessa à análise do antropólogo cultural" essa é **lobrigada** (o grifo é nosso) através de inúmeros trechos dessa obra"... Para **Francisco Alves de Andrade e Castro,** o trabalho é "um alentado estudo, contendo bem elaborada e vasta pesquisa" ... sendo "uma valiosa contribuição que abrange não só a indicação de fontes bibliográficas, citadas no próprio texto, mas avança com um

material colhido pelo autor em suas observações, longas, pacientemente anotadas, oriundas de diversos pontos do Nordeste e do Ceará".

(Enxertos extraídos dos Pareceres e citados nas orelhas do livro).

Numa análise preliminar da obra intitulada **Medicina Folclórica** com que o Prof. Dr. Jósa Magalhães se inscreve como concorrente ao Prêmio "Gustavo Barroso", considerações de ordens técnica e teorética se impõe.

Como considerações de ordem técnica, o título identifica com precisão a área de delimitação do assunto a que se propõe examinar. É claro, adequadamente descritivo, sem palavras supérfluas, o substantivo agindo realmente como palavra-chave. A capa, onde se insere é, a nosso ver, carente de atrativo visual e estético tendo a virtude de ter sido elaborada, sem pretensões outras, pelo próprio autor.

Assim, contendo uma página de título ausente de sugestividade, traz uma dedicatória vasada de sentimento familial, uma oferenda, como diz o autor. Pelo índice, a obra se apresenta com quatro capítulos bem diferenciados e distribuídos ao longo das suas 246 páginas. O livro é carente de qualquer ilustração, fotográfica, gráfica, convindo lembrar que as feituras mecânicas dos capítulos não estão em total acôrdo com os requisitos exigidos pelos manuais de estilo e publicação. Haja visto que as 13 subdivisões da Introdução e os 113 subtítulos dos capítulos seguintes não aparecem senão no corpo do trabalho. Daí os subtítulos não obterem, no índice, o número correlativo da página nos quais se inserem... Sôbre a Bibliografia, uma relação final das obras consultadas e citadas no corpo do trabalho deveria necessàriamente fazer parte do contexto total. Esta, certamente, uma das grandes falhas do livro.

Com relação à colocação do problema ou assunto em fóco, observa-se que o trabalho carece de uma análise de todos os fatos abordáveis e explanações possíveis e que possam estar relacionados com o problema. Basta anotar a parcialidade no tocante às concepções de Folclore, que, para o autor, e pelo que podemos deduzir, o Folclore é, tal como originalmente concebido, "o estudo das curiosidades da cultura". (Winick, **Dictionary of Anthropology**", 1957: 217).

A Introdução é um levantamento das primeiras manifestações rudimentares da medicina entre os povos, inadequada e errôneamente chamados de "primitivos" (pp. 8, 10), e das suas várias interpretações da doença. Segue-se uma análise da terapêutica subjetiva tal como levada a efeito nas Idades Antiga e Média e inclusive em seus relacionamentos com a Astrologia. Sempre fundamentado na pesquisa bibliográfica, o autor continua, já agora, apresentando os agentes subjetivos junto às substâncias de naturezas vegetal, animal ou mineral (p. 15). Após um retrospecto mundial, da própria "universalidade empírica e mágica da medicina" (p. 50), o Brasil é apresentado e nêle "um complexo de fatôres de categoria étnica, natureza psicológica e condições de audiência" (p. 27). Quais as fontes ori-

ginais da medicina no País a terapêutica dos Pagés de origem mística, animal e vegetal é o que o autor se propõe a examinar. Do nativo, o autor passou à análise do negro e sua mística, donde conclui que "... a medicina animalista já era no Brasil praticada pelos selvícolas na época de seu descobrimento" e que "os africanos e portugueses lhe acrescentaram notável contribuição"... (p. 32). À prática da medicina indígena, o autor acresce a da medicina jesuítica e portuguêsa. Atinge, assim, num **gradient** histórico-cultural, o Nordeste brasileiro, quando lembra "que os agentes terapêuticos empregados pelo povo do Nordeste provêm de quatro fontes: vegetal, animal, mineral e mística, tendo sido, portanto, influenciado pelas "contingências determinantes e universais" (p. 39). A seguir dá uma nota sôbre os difusores da Medicina popular no Brasil, dos quais o curandeiro é figura predominante do grupo. De par com ligeiras considerações sôbre a Medicina crítica e científica, o autor pede que "não se diga, ... em tom de generalização, que o empirismo terapêutico foi e é de todo o ponto privado de razão e bom senso" (p. 53), lembrando que "hoje,... a ciência não deixa de reconhecer, em alguns fatos desta conduta terapêutica, sensatez e racionalidade" (p. 54). Ao todo, são utilizadas 76 citações como tais reconhecidas por nós.

A segunda parte do trabalho, com 44 subtítulos além da nota introdutória, versa sôbre os agentes animais. A introdução, com bases bibliográficas e os subtítulos, mescla a tanto, as várias coletas de dados a que o autor procedeu no interior nordestino.

O que nos parece outra grande falha do trabalho, no que diz respeito às considerações de ordem técnica e metodológico-esquemática é a maneira pela qual o autor agrupa os vários subtítulos, desdenhando uma lógica, lógica essa sobretudo estranhável partindo de quem assim a emite. Isso porque considera critérios idênticos para palavras como "bicho de pé", "dermatose e garganta". Ou "sinusite, vias urinárias e frieira". Ou "tosse, coração e citiase". A nosso ver, faltou lógica no relacionamento dos subtítulos, fato que se repete nos três capítulos restantes. Senão, vejamos, na 3.ª parte do trabalho, "Agentes animais", onde, afora a Introdução, 33 subtítulos aparecem na mesma seqüência estranha, ou seja, "ameba, febre, ouvidos". E na 4.ª parte, constante de outros 33 subtítulos, afora a parte introdutória, e sob o título geral de "Agentes místicos", aparecem "para falar, placenta, hidrofobia" ou "espinhela caída, para andar, icto cerebral"... ou "intoxicação ofídica, cobreiro, umbigo"... São ao todo 113 subtítulos, além das três Introduções, sem suaisquer critérios de sistematização, inclusive de linguagem científica ou popular. Têrmos científicos junto às denominações populares; etiologia junto a órgãos ou funções... São também, ao todo, 335 citações bibliográficas completas e como tais consideradas, incluídas as repetições de fontes.

Uma outra grande falha que se nos apercebe é aquela que diz respeito aos critérios de escolha das fontes. É sabido ser perfeitamente admissível ao sociólogo, ao antropólogo, ao cientista social em geral, lançar mão da ficção, pois que, e segundo **Lazarus,** quem quer que duvide da objetividade da ficção, nesse sentido — a verdade como paradoxo da ficção — deveria reconsiderar a atmosfera do romancista. Pois que ficção é uma arte que lida com o homem como homem, com o que êle faz, pensa, sente e sonha. (Lazarus, **Educational Thought in Modern Literature,** 1963:134). Sem esquecer que os elementos descritivos na literatura de ficção são um rico manancial de informações sôbre os indivíduos: quem são, o que são, como se alimentam, como se vestem, o que fazem, como fazem. (Meyerholf, Hans, **Time in Literature,** 1955: 121-122; tb. Trilling, **Manners, Morals and the Novel,** 1957: 133 e segs.). O que não podemos entender, porém, em se tratando de livro da natureza da de **Medicina Folclórica** é a omissão ao esclarecimento. Consideramos ser obrigação do autor apontar as razões que o levam a lançar mão de tais fontes literárias que, se dignas são quando demarcados os seus propósitos, tornam-se apoucadas quando isentas de tal explicação. E, sem quaisquer avisos, vemos uma **A Moreninha,** de J. Manoel de Macedo ou **A Normalista,** de Adolfo Caminha, ou **Pedra Bonita,** de J. Lins do Rêgo, ou **Luzia-Homem,** de Domingos Olímpio junto a Castinglioni, **História da Medicina** ou a Maurício de Medeiros **Evolução da Medicina,** ou a Licurgo dos Santos, em **História da Medicina no Brasil.**

Portanto, terminamos a leitura sentindo que, no tocante a hipóteses levantadas, métodos de abordagem e critérios lógicos de apresentação dos dados, o livro apresenta falhas, sem esquecer que se omite a uma conclusão.

Em resumo, o livro é um recenseamento bibliográfico de fatos, um verdadeiro repositório de curiosidades comportamentais, nativo do nordestino, em tôrno da Medicina popular. É um trabalho beneditino de revelação do homem folk neste particular e em estudando certos tipos de costumes e/ou conjuntos extravagantes de práticas. Emaranhado de práticas curiosas, sem dúvida, mas que não chegam a estabelecer padrões de medicina folclórica. Certo, cada comunidade conhece têrmos para e as características de centenas de plantas e animais, e possui um longo inventário de técnicas médicas e terapêuticas que se acham, dissociados ou não, do sobrenatural. E assim, recursos botânicos se apresentam quer como de genuíno valor medicinal, quer como venenos, intoxicantes ou narcóticos. É com segurança que o autor se firma no conhecimento dos dados coletados no domínio da crença da "ciência" e da filosofia peculiares à mentalidade pré-científica. Ou seja, manifestações culturais, com suas variações exteriorizadas através dos atos e objetos dentro de uma atitude mental pré-científica. É um trabalho paciente no relacionamento de fontes e, por isso mesmo, merece não sòmente acolhida, mas também

consideraçãc, firmado que está no apoio bibliográfico e no conhecimento de dados recolhidos da esfera mística e da sabedoria popular.

Urge afirmar que os critérios pelos quais o autor é levado a adotar a sua concepção de Folclore, válidos que eram originalmente, não o são tanto por nós que aceitamos com muito mais facilidade a de ser o Folclore um "aspecto da cultura" ou uma subcategoria da cultura", (vejam-se **Lasker** e os critérios de construção mental de "cultura de folk" adotados por **Redfield,** como os de conceituação funcional. Seriam os estudos de **Mintz, Lewis, Tax, Foster, Young, Villa-Rojas, Herskovits, Steward, Guizzetti, Lopreato, Wolf, Reina**) do que mesmo a de "curiosidades da cultura", que nos parece ser a concepção adotada pelo autor.

Acrescente-se o fato de não sòmente a Comissão Central dos Prêmios Culturais da Universidade Federal do Ceará ter consentido interpretações outras que não as de maior fundamentação científica — não considerando o Folclore logo de início como integrante da própria Antropologia Cultural — como ter se omitido a uma definição ou pronunciamento quando para tanto foi solicitada.

Como estudiosos, interessados na verdade científica dos fatos e no acatamento aos mesmos, a nossa atitude é a de dúvida que pede apenas, como louvável, a de tolerância para com a relatividade dos conceitos.

O que com tal queremos afirmar é que não podemos nem queremos ser os oráculos de uma filosofia única da ciência e sim adotar uma visão bifocal que admite o conflito mas nem por isso aceita a acomodação.

Julgamentos de valor variam e análises de situações conflituais e cooperativas caracterizando os mesmos julgamentos de valor à luz de tais análises podem ser levadas a efeito, chegando-se inclusive à solução de que nem sempre o conflito é julgado como desvalor e a cooperação, invariàvelmente valorizada. (Brameld, **Anthropotherapy — Toward Theory and Practice,** 1965: 291-292).

Conceitos, tais como compreendidos por **Pierce** e **Brameld,** entre outros, têm "o poder de refazer a realidade" reinterpretando e controlando "aquela experiência de modo a que não mais signifique aquilo que significava antes". Seria o caso das concepções desenvolvidas pelos cultorologistas e em relação ao Folclore. Por outro lado, "o valor do conceito depende da aplicação experimental prolongada numa variedade de situações de pesquisa". (Brameld, **Anthropotherapy — Toward Theory and Practice,** 1965: 288; tb. Splinder e Opler, **Coments** 1965: 293-297). Pelo que foi dito, já não teriam então os conceitos a sua validez de aplicação, entre nós pelo menos, aonde outros trabalhos desenvolvidos mesmo recentemente se apresentam com similar abordagem. Isso sem esquecer o pensamento de vários estudiosos aqui citados — com as devidas restrições às próprias restrições que vislumbramos em **Seraine** e por nós grifadas.

A Comissão Central, em se pautando por uma orientação apenas subjetiva, concede aos membros da Comissão Julgadora uma incerteza que, traduzida ao pensamento e comportamento científicos, admite a possibilidade de não sòmente aceitar como apoiar o livro do Dr. Jósa Magalhães.

Como membros da Comissão Julgadora aceitamos a inclusão da obra porque, junto às considerações teoréticas acima apresentadas, não mais hesitamos em admitir, como "uma qualidade adiconal **sine qua non** da nossa profissão, .... a tolerância pela ambigüidade" e com isso queremos nos referir à "capacidade de permitir a incerteza, de arrostar os paradoxos, de levar em consideração o indeterminado". Cientificamente, tolerância é definida como uma atitude de paciência, indulgência, ou disposição, boa vontade de considerar, sem preconceitos — mas não necessàriamente aceitar, rejeitar, ou reprovar — ponderações opiniões e situações com as quais não se concorda inteiramente e não lhe são simpáticas. É, também, uma atitude de permitir a existência de tais pontos de vista, opiniões ou situações. E quando se fala em tolerância para ambigüidade é a capacidade do indivíduo de contrariar, resistir à frustração originada por estímulos ambíguos ou não estruturados. Certo, "empatia, curiosidade, objetividade e uma tolerância pela ambigüidade nem sempre são atitudes confortáveis, nem costumam ser compatíveis com temperamentos aferrados às abstrações rigorosas e elegantes para quem racionalismo, determinismo materialístico e ciência são valôres focais". (Du Bois **The Curriculum in Cultural Anthropology**, 1963: 35; tb. Tate, **Lectures**, 1963).

Aceitamos porque, independente das dúvidas e das falhas, o livro **Medicina Folclórica** merece respeito e aprêço como dádiva de um autor que, na profundidade da sua busca monástica, enriquece o levantamento da bibliografia existente sôbre o assunto examinando num único corpo obras de referência.

Em conclusão, somos de parecer que o Prêmio "Gustavo Barroso" (Antropologia Cultural, inclusive Folclore. Estudos Lingüísticos) seja outorgado ao Dr. Jósa Magalhães que, apesar das falhas apresentadas no seu livro **Medicina Folclórica** soube traduzir e transportar para as páginas do mesmo a sua mente de pesquisador estudioso, afeiçoado às coisas e interessado pelos problemas do Nordeste. O autor soube, outrossim, se impor, por essas mesmas qualidades de devoção ao trabalho, à admiração de quantos o conhecem ou o acompanham na trilha da busca da verdade e do saber.

Fortaleza, 28 de outubro de 1967.

**Zélia Sá Viana Camurça**